

Pressão política e constrangimento

por Getúlio Bittencourt
de Nagoya

Mulford pediu entrevista

por Getúlio Bittencourt
de Nagoya

A pressão política dos EUA para adiar a decisão sobre um empréstimo de US\$ 350 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) para o Brasil emergiu durante o seminário Desafios do Setor Privado nos Anos 90, no hotel Nagoya Castle. Quem o provocou foi o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Eduardo Modiano.

Numa inserção escrita a mão na última hora, Modiano afirmou que entre as razões para o fracasso de empresas estatais no Brasil está o fato de que, no passado, razões políticas desviaram os administradores dessas companhias da busca do lucro, levando-as a aumentar desnecessariamente suas dívidas externas.

"Infelizmente", acrescentou, "a mistura de motivos políticos com negócios não é uma peculiaridade exclusiva do estado brasileiro. Um exemplo disso é a recente utilização indevida, por alguns governos, de uma instituição multilateral como o BID para exercer pressões políticas sobre um país-membro, em dia com o banco, como o Brasil, para acertar temas sem relação com o mandato do banco (que são os procedimentos objetivos para aprovação de empréstimos, no caso, as negociações com os bancos comerciais)."

A estocada de Modiano não passaria despercebida a um repórter da agência italiana Ansa, Paolino Accolla, que tentou fazer uma pergunta ao presidente do BNDES. "O presidente do BID, Enrique Iglesias, disse hoje aqui que há uma nova América Latina. Como

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, recebeu na sexta-feira à noite um pedido de entrevista do secretário adjunto do Tesouro dos EUA, David Mulford, o arquiteto das pressões contra empréstimos ao País no Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e no Banco Mundial (BIRD).

O pedido foi encaminhado através do diretor brasileiro no BID, Pedro Malan. Sabe-

isso se coaduna com o problema que o senhor mencionou?"

O presidente desse painel, L. Enrique Garcia, ministro do Planejamento e Coordenação da Bolívia, cortou-lhe a palavra, depois de falar rapidamente com Modiano: "Se o senhor tem uma pergunta específica sobre o tema principal em discussão, muito bem, senão, vamos adiante", fulminou.

Garcia explicaria depois a este jornal que consultou Modiano, e decidiu cortar o assunto "porque já estávamos 15 minutos atrasados, e, sendo a questão polêmica, o atraso poderia ficar muito pior". O ministro boliviano ponderou ainda que a pressão política dos EUA é um assunto mais adequado para a Assembléia Geral, que abre no domingo.

"Eu vou tratar do adiamento da discussão sobre o empréstimo ao Brasil em meu discurso", antecipou Garcia, "e sei que vários outros ministros da América Latina também vão fazê-lo. Considero errado que o banco seja usado para uma pressão política."

se que Mulford marcou para a véspera da inauguração da assembléia geral um encontro com o presidente do banco, Enrique Iglesias, tendo o empréstimo de US\$ 350 milhões ao Brasil como um dos temas em pauta.

A ministra chegou em Nagoya, vinda de Paris, no início da noite de sexta-feira pelo calendário japonês, e não quis fazer nenhum comentário sobre o conflito com o Grupo dos Sete países ricos. "Ainda estou retocando meu discurso de domingo", disse ela.

O principal ativista da busca de um acordo entre os EUA, o Grupo dos Sete países ricos e o Brasil tem sido o presidente do banco, o uruguaio Enrique Iglesias. "Tudo que posso dizer é que essa questão constrange profundamente o banco como instituição", disse Iglesias na sexta-feira a este jornal.

Ele se contrai, tenso, quando colocado diante do argumento posto pelos brasileiros, na reunião da diretoria, de que a pressão do Grupo dos Sete já não ameaça apenas o Brasil, mas o próprio BID, e seu nível de crédito no mercado. "Não vou comentar esse ponto por razões óbvias", descartou.

O cerne do argumento norte-americano ao pedir o adiamento por dois meses do exame do empréstimo de saneamento básico para o Brasil é a dúvida de Washington sobre a capacidade de o País pagar o empréstimo. O risco que isso coloca para o crédito do próprio BID começa com o fato de que o Brasil é o maior tomador de empréstimos do banco.

No mês passado, ao divulgar seu estudo anual sobre o BID, uma das agências de classificação da qualidade de crédito no mercado mundial, a Moody's Investors Service, reafirmou seu triplo "A" para o banco, embora expressando dúvidas sobre a capacidade de pagamento da Argentina. Agora, o próprio governo dos EUA levanta dúvidas sobre a capacidade de pagamento do Brasil.

"O argumento dos EUA é obviamente equivocado", afirmou a este jornal o principal negociador da dívida externa do México, Angel Gurria, hoje vice-ministro das Finanças para assuntos internacionais. "Certamente o tema será examinado pela ministra Zélia Cardoso de Mello e pelo ministro Pedro Aspe, no encontro que terão na véspera da Assembléia Geral. É claro que o México está sempre pronto a ajudar o Brasil, se o Brasil considerar que o México pode ser útil."

Modiano também diria, na saída do seminário, que o argumento dos EUA apenas tenta esconder seus motivos políticos, dado que o Brasil está "em dia com seus pagamentos ao BID". Iglesias, contudo, pede calma aos brasileiros, enquanto trabalha nos bastidores. "Nós temos de pacificar o assunto", argumenta.

Iglesias tem telefonado para os governadores do Grupo dos Sete e terá um encontro com o chefe da manobra contra o Brasil, o secretário assistente do Tesouro dos EUA, David Mulford, no domingo. Na outra ponta, ele tem ajudado a articular os países da América Latina para que afirmem, na Assembléia Geral, que neste caso o Grupo dos Sete foi longe demais.